



ORIGINAL ARTICLE

NURSING IN URGENCY AND EMERGENCY IN FOZ DO IGUAÇU CITY, PARANA, BRAZIL

ENFERMAGEM EM URGÊNCIA E EMERGÊNCIA NO MUNICÍPIO DE FOZ DO IGUAÇU, PARANA, BRAZIL

ENFERMERÍA DE URGENCIA Y EMERGENCIA DE LA CIUDAD DE FOZ DO IGUAÇU, PARANA, BRAZIL

Ewerton Douglas Wiebbelling¹, Marieta Fernandes Santos²

ABSTRACT

Objective: to characterize the profile, the level of knowledge and satisfaction of the nurses for emergency services and emergency pre-hospital in Foz do Iguacu city, Paraná, Brazil. **Method:** this is about a descriptive and exploratory study. It was drawn up a questionnaire with 10 questions applied to 17 individuals, the answers were analyzed, tabulated and displayed in figures with frequencies and percentages. **Results:** eleven (64,7%) are female, with average age of 33 years, ten nurses (58,8%) are graduated in less than five years and all of them have or are doing postgraduate studies, but only three (17,6%) of these individuals studied specific for emergency area, and fifteen (88,2%) of those interviewed felt happy with their work. **Conclusion:** observing this representative sample of all the emergency services/emergency the council concluded that the qualifications of the nurse providing this assistance is far short of the needs of the sector, and it is up to all involved the practice of this process of change framework, or users, universities, classes of entities, employers, and especially the professionals, seeking higher quality and demanding bribes for the best. **Descriptors:** emergencies; nurses; professional training.

RESUMO

Objetivo: caracterizar o perfil, o nível de conhecimento e de satisfação do enfermeiro dos serviços de urgência e emergência pré e intra-hospitalar do município de Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. **Método:** estudo descritivo e exploratório, utilizando-se de entrevista individual, para a coleta de dados junto a enfermeiros de unidade de urgência e emergência, pré ou intra-hospitalar. Foi elaborado um questionário e aplicado a 17 enfermeiros, cujas respostas foram analisadas, tabuladas em gráficos e demonstradas em frequências e porcentagens. **Resultados:** onze (64,7%) são do sexo feminino, com média de idade de 33 anos, dez (58,8%) estão formados a menos de cinco anos, todos já possuem ou estão realizando pós-graduação, mas apenas três (17,6%) buscaram formação específica na área de emergência, e que quinze (88,2%) referiram sentir prazer pelo serviço que praticam. **Conclusão:** a qualificação do enfermeiro que presta esta assistência está muito aquém das necessidades do setor, e cabe a todos os envolvidos praticarem o processo de mudança deste quadro, ou seja, usuários, universidades, entidades de classes, empregadores, e principalmente os profissionais, buscando maior qualificação e exigindo melhores gratificações por estas. **Descritores:** emergências; enfermeiros; capacitação profissional.

RESUMEN

Objetivo: caracterizar el perfil, el nivel de conocimiento y satisfacción de la enfermera de los servicios de urgencia y de emergencia pre-hospitalaria de la ciudad de Foz do Iguacu, Paraná, Brasil. **Método:** estudio exploratorio, descriptivo, para el cual se ha realizado entrevista individual, con cuestiones semi-estructuradas para recoger datos de los enfermeros en la unidad de emergencia y rescate, o unidad pre-hospital. Se ha elaborado un cuestionario con diez preguntas, aplicado a 17 personas, cuyas respuestas analizadas se muestran por medio de gráficos organizados de acuerdo a frecuencias y porcentajes. **Resultados:** la mayoría de esas personas encuestadas son mujeres - once mujeres (64,7%), con edad media de 33 años. Diez de ellos han concluido la carrera de enfermero hace cinco años o menos. Todos ya completaron o están realizando estudios de posgrado, pero sólo tres (17,6%) de estos buscaron formación en el área de emergencia hospitalar. Del total, quince (88,2%) de los entrevistados se declararon felices con la actividad profesional que desarrollan. **Conclusión:** la calificación profesional del enfermero es inferior a las necesidades requeridas en este sector, cabe, por lo tanto, a todos los profesionales del sector el compromiso de cambio de este estado, es decir, usuarios, universidades, sindicatos laborales, entidades, empresarios, y profesionales en general deben exigir mejor calificación profesional y deben pensar también que el enfermero debe ser mejor recompensado por su trabajo. **Descriptores:** urgencias médicas; enfermeras; de formación profesional.

¹Graduando do Curso de Enfermagem da Universidade do Oeste do Paraná, Campus Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. E-mail: wiebbellingdoug@hotmail.com; ²Professora Doutora do Curso de Enfermagem da Universidade do Oeste do Paraná, Campus Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. E-mail: marieta_fs@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Estudar a prática e a capacitação profissional na área de urgências e emergências junto aos enfermeiros de instituições hospitalares e de serviços de atendimento pré-hospitalar é importante para maior compreensão da vivência destes profissionais frente às diferentes situações de agravos à saúde.

Concordamos com Marques que o trabalho é um ato humano por meio do qual os sujeitos sociais produzem e sustentam a sua existência, tanto no plano material quanto no subjetivo.¹ O cuidado, segundo o próprio autor, resulta do encontro do trabalhador que tem o saber tecnológico, com a matéria prima e os instrumentos de trabalho para atender ao agente consumidor, porém na saúde esse produto é consumido no mesmo momento que é gerado. Com estes conceitos chega-se a uma maior compreensão do trabalho em saúde e desta relação entre trabalhador e usuário.

Esta relação acontece de forma imediata, principalmente, no que se refere às urgências e emergências. Para o Conselho Federal de Medicina as urgências são ocorrências imprevistas de agravo à saúde com ou sem risco potencial de vida e, emergências as condições de agravo à saúde que impliquem em risco iminente de vida ou sofrimento intenso, ambas necessitando de assistência médica imediata.²

Diante destas situações emergenciais e o trabalho do enfermeiro pouco se sabe como este se sente frente ao trabalho em si, sua capacitação e suas relações inter e intra profissionais e familiares. Certamente a compatibilização de sua vida profissional e situações rotineiras e emergenciais é um grande desafio no processo organizacional do trabalho do enfermeiro. A longa e dupla jornada de trabalho, as condições de insalubridade do ambiente de trabalho, a baixa remuneração e a tensão emocional tornam-se obstáculos desencadeando, potencialmente, o absenteísmo. Esta situação é preocupante, uma vez que desorganiza o serviço, gera insatisfação e sobrecarrega os trabalhadores presentes, diminuindo a qualidade da atividade realizada.

Ao analisar o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem em seu Capítulo I, que disserta sobre os princípios fundamentais, destaca-se a enfermagem como uma profissão comprometida com a saúde e qualidade de vida da pessoa, família e coletividade e o profissional de enfermagem como integrante da sociedade, participando das ações que visem satisfazer às

necessidades de saúde da população, respeitando a vida, a dignidade e os direitos da pessoa humana, em todo seu ciclo vital, sem discriminação de qualquer natureza, exercendo suas atividades com justiça, competência, responsabilidade e honestidade, prestando assistência à saúde visando à promoção do ser humano como um todo.³

Não há como falar em urgência e emergência sem citar o Atendimento Pré-Hospitalar - APH, que segundo Carvalho caracteriza-se como o conjunto de medidas e procedimentos técnicos que objetivam o suporte de vida à vítima, podendo ser básico ou avançado, estabelecendo-se um padrão vital que mais se assemelhe à normalidade. O conceito supremo consiste em não agravar lesões já existentes ou gerar lesões que não existiam, bem como transportar a vítima/paciente/cliente para o centro hospitalar terciário apropriado ou a um centro de trauma credenciado.⁴

Ao relacionar as situações de urgências e emergências com as preconizações sobre a humanização do atendimento de enfermagem existe diretamente uma implicação em transformações políticas, administrativas e sociais, necessitando de esforços para mudar o próprio modo de ver o usuário – de objeto passivo a sujeito; do necessitado de caridade àquele que exerce o direito de ser usuário de um serviço que garanta qualidade e segurança, prestado por trabalhadores responsáveis.⁵

As muitas falhas na organização do atendimento, por exemplo, as longas esperas e adiamentos de consultas e exames, a deficiência de instalações e equipamentos, a despersonalização, a falta de privacidade, a aglomeração, a falta de preparo psicológico e de informação, bem como a falta de ética por parte de alguns profissionais, percebe-se que está muito aquém do ideário do Ministério da Saúde.⁶

No entanto, quando a humanização no trabalho é desconsiderada, expõe os profissionais a sobrecarga de atividades e funções, jornada dupla ou tripla de trabalho, dificuldade da conciliação da vida familiar e profissional, baixos salários e precárias condições de trabalho.

Para que seja constituída a mudança deste quadro observa-se a exigência da aquisição de características e habilidades específicas ao enfermeiro para atuar em situações de emergências e integrar as equipes hospitalares.

OBJETIVOS

• Caracterizar o perfil dos enfermeiros que prestam serviços em unidades de urgência e emergência na rede pública do município de Foz do Iguaçu, PR.

MÉTODOS

Estudo descritivo e exploratório, utilizando-se de entrevista individual, com questões semi-estruturadas para a coleta de dados junto a enfermeiros de unidade de urgência e emergência, pré ou intra-hospitalar, no município de Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.

Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – (CEP/UNIOESTE), sob o protocolo de número: 0118.0.276.000-08, os dados foram colhidos com a aplicação de questionário para os enfermeiros prestadores de serviços em unidades de pronto socorro, pronto atendimento e serviços de atendimento pré-hospitalar.

Informamos às Instituições de Saúde que o sigilo e o princípio de autonomia e beneficência dos enfermeiros entrevistados

seriam respeitados e que cumpridos as determinações estabelecidas pela *Resolução* nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/ Ministério da Saúde concernente à realização de Pesquisas com Seres Humanos e que estes dados estariam à disposição destas instituições após o término do estudo.⁷

Responderam ao questionário de forma individual, 16 enfermeiros. Em seguida, os dados foram analisados e apresentados graficamente meio do uso de programa Microsoft Office Excel 2007®.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

• Idade dos entrevistados

Em relação à idade dos entrevistados a maioria encontra-se na média de 33 anos, sendo os extremos 25 e 45 anos.

Este dado foi considerado pelo simples fato da influência que o passar dos anos exerce sobre nossa saúde, vitalidade e disposição para as atividades rotineiras, principalmente na enfermagem em urgência/emergência, onde as características físicas são exigidas com maior afinco.

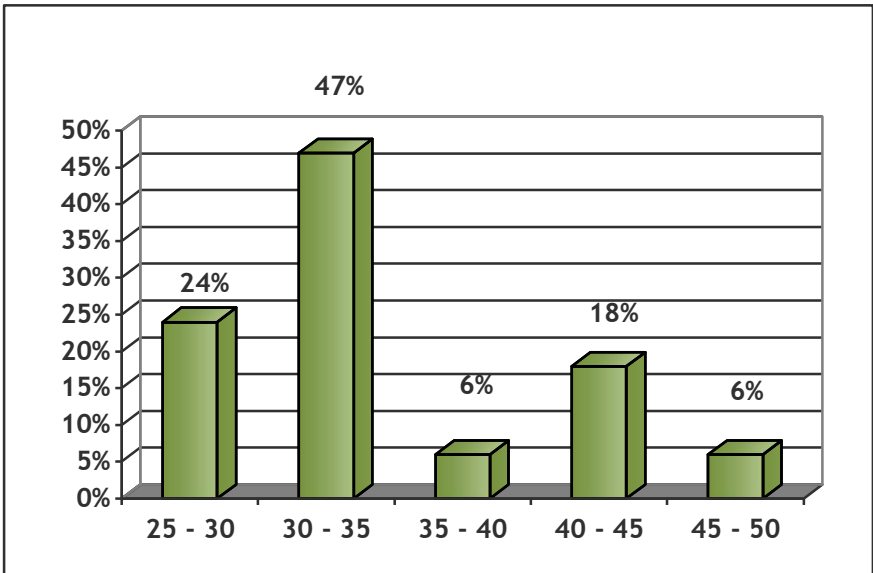


Figura 1. Idade dos enfermeiros assistenciais, unidades de emergência de Foz do Iguaçu, 2008. (n=17)

• Gênero dos entrevistados

Historicamente a enfermagem sempre se caracterizou como uma profissão considerada um “gueto” feminino, fato que vem mudando lentamente, na urgência e emergência a prevalência das enfermeiras também é confirmada.

Mesmo no serviço de APH, o SAMU, a presença das mulheres (N=11) se faz em maioria frente aos homens (N=6), caracterizando a força destas, mesmo frente aos requisitos e dificuldades que este serviço apresenta.

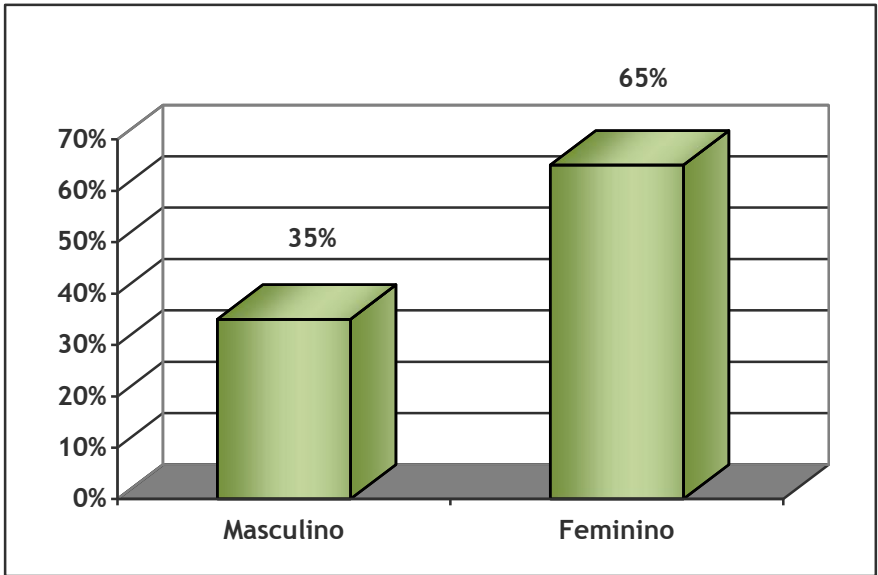


Figura 2. Gênero dos enfermeiros assistenciais, unidades de emergência de Foz do Iguacu, 2008. (N=17)

• Tempo de formado

A falta de experiência prévia pareceu constituir uma das principais dificuldades encontradas pelos sujeitos no início de carreira. Além disso, a falta de conhecimento específico e a adaptação a um novo e diferente ambiente de trabalho também figuraram como fatores que dificultaram o início da atuação no APH.⁶

Neste estudo a maioria dos profissionais declara ter menos de cinco anos (N=10) de formado, sendo que destes alguns possuem apenas um ou dois, demonstrando, assim que ao saírem da academia já entram no mercado

de trabalho em unidades com grande fluxo de pacientes, e com alto índice de gravidade destes, sendo que a atuação deste profissional, por muitas vezes, pode ser o diferencial entre a efetiva recuperação do cliente ou suas seqüelas permanentes.

Em contrapartida, os que possuem maior tempo de formado (N=2), exercem cargos de chefia, atuando administrativamente, considerando as dificuldades inerentes ao atual cargo, na maioria das vezes, prejudicado, seja pela desmotivação ou desatualização de conhecimentos inerentes a urgência/emergência.

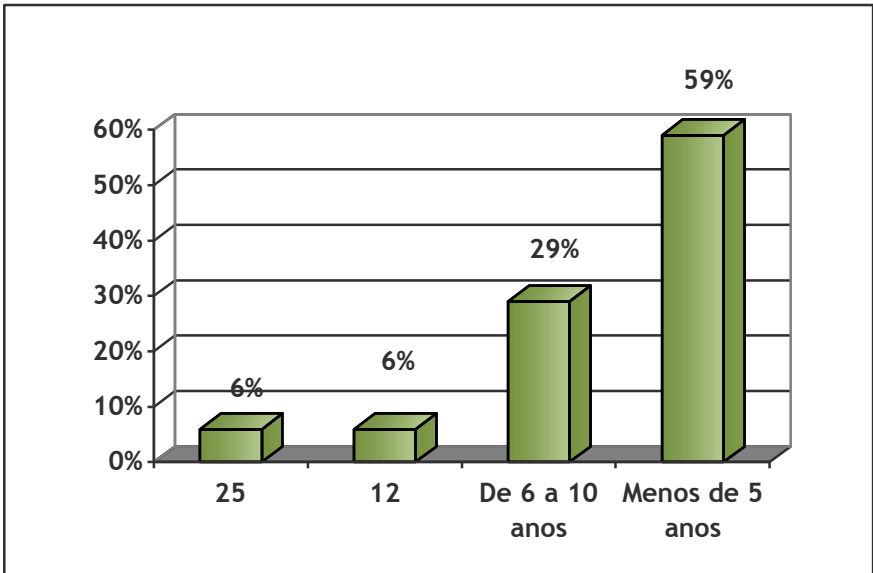


Figura 3. Tempo de formação na graduação, enfermeiros assistenciais das unidades de emergência de Foz do Iguacu, 2008. (N=17)

Este quadro não se torna de todo ruim, quando visualizado sob a ótica de quem acaba de sair da academia e busca colocação no atual mercado, altamente competitivo.

• Formação especialista — pós-graduação

O atual cenário da enfermagem em nossa região obriga ao profissional buscar cada vez mais conhecimento, especializando seus

saberes em uma determinada área, mas não garantido que sua atuação profissional será nesta área, pois devido a já grande e em ritmo crescente concorrência, acaba por atuar onde a oferta for disponibilizada.

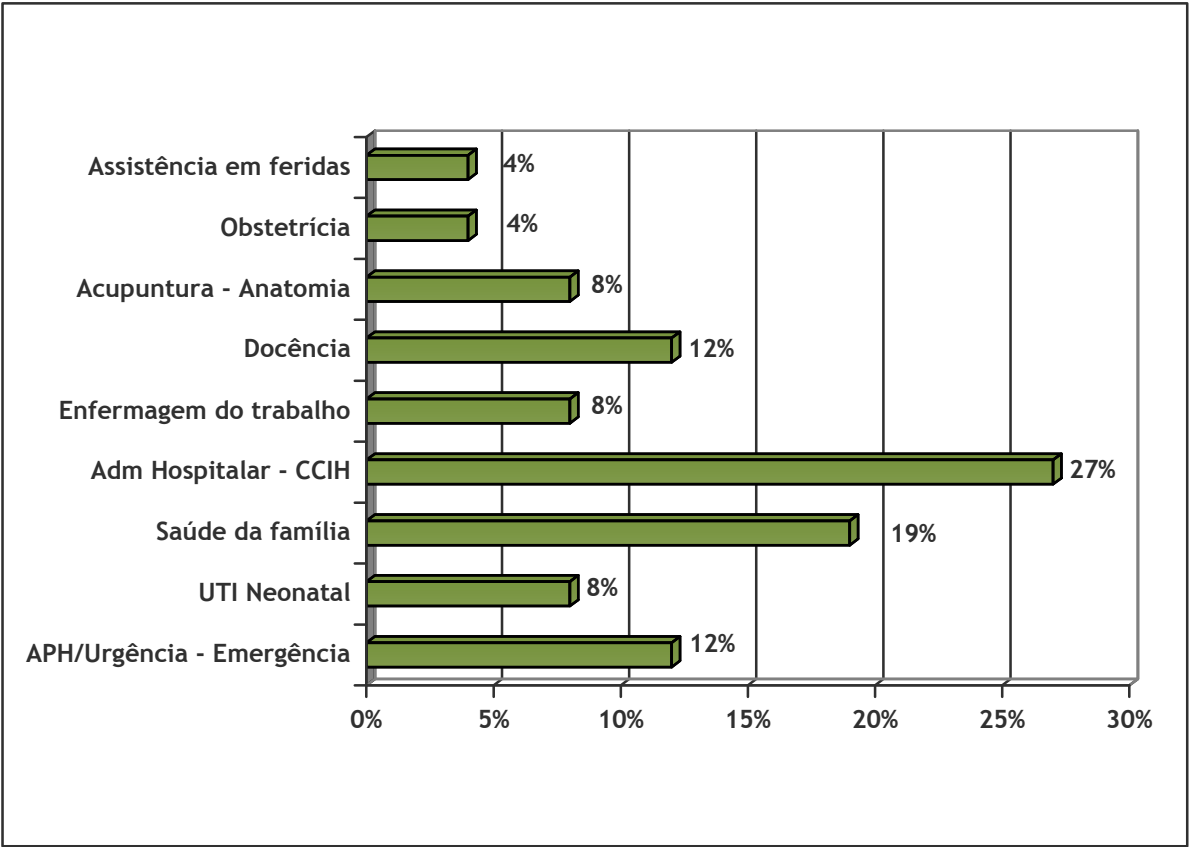


Figura 4. Distribuição das áreas de pós-graduação cursadas pelos enfermeiros assistenciais das unidades de emergência de Foz do Iguaçu, 2008. (N=17)

As instituições que fornecem estes cursos de especialização em enfermagem vêm aumentando regionalmente, quantitativamente, mas nem sempre qualitativamente, e ofertando cada vez mais opções para quem deseja oferecer um diferencial ao mercado.

Apesar deste aumento, percebe-se que as opções mais procuradas nem sempre são as de maior necessidade do mercado, seja por opção de facilidade, preferência ou esperança de melhor remuneração, sendo assim os resultados obtidos no questionário demonstram que as opções de preferência dos enfermeiros variam entre as áreas de Administração Hospitalar, Docência, Saúde Coletiva, e outras, sendo que as que

teoricamente deveriam ter sido as mais frequentes nesta área estudada — Urgência/Emergência e APH — tiveram apenas três citações (17,6% dos entrevistados). Estes dados demonstram que alguns Enfermeiros apresentam mais de um curso de pós-graduação.

• Capacitação em urgência/emergência

No nosso ponto de vista este foi o dado que maior revela a necessidade de oferta em nossa região de cursos de capacitação, ou de que as instituições empregadoras invistam na qualificação de seus profissionais em cursos específicos para a área de atuação deste, pois entre os entrevistados os cursos de maior qualidade e especificidade não foram mencionados por nenhum destes.

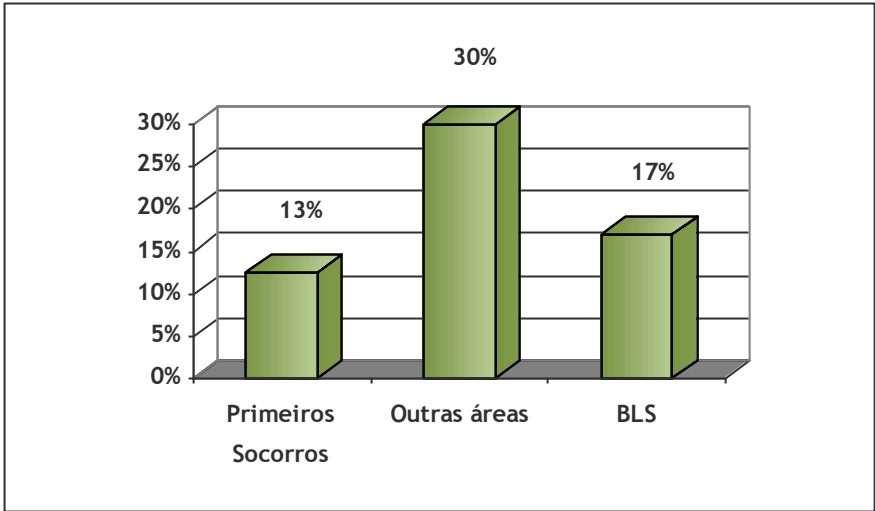


Figura 5. Capacitação em urgência/emergência, enfermeiros assistenciais das unidades de emergência de Foz do Iguaçu, 2008. (n=17)

O curso que a maioria realizou foi o de Primeiros Socorros (53%), contrapondo-se com BLS — Basic Life Support (17%). A Figura 5

representa a totalidade de cursos que foram indicados, demonstrando que alguns respondentes tiveram mais de uma resposta.

Nota-se que Primeiros Socorros está em evidência, pois tem sido ofertado no mercado por instituições públicas (Corpo de Bombeiros), ou privadas, mas não é específico para enfermeiros, oportunizado para qualquer pessoa que tenha interesse em frequentá-lo ou que esteja a serviço de alguma empresa que contrate ou solicite a realização do curso.

Os cursos de ATLS – Advance Trauma Life Support e ACLS – Advance Cardiac Life Support não foram indicados por nenhum dos respondentes, indicando que esta capacitação mais avançada sobre o atendimento em emergências clínicas não tem sido o foco dos profissionais e dos serviços.

Logicamente que para os profissionais a exigência de cursos de capacitação torna-se interessante pela maior gama de

conhecimentos, mas ao contraporem os valores a serem investidos, principalmente pela existência destes cursos somente em grandes centros, e a remuneração oferecida pelos empregadores, estes cursos são substituídos por uma pós-graduação, seja pela comodidade ou pelo título oferecido.

• *Atuação profissional*

Ao analisar o tempo que exerce a profissão de enfermeiro obteve-se uma media de 10,5 anos de atuação profissional, deve-se considerar que há uma grande disparidade nos extremos das respostas variando de apenas quatro meses até 25 anos, sendo que a grande maioria ficou abaixo da média, e que os que possuem maior tempo de trabalho, atualmente exercem cargos de coordenação em suas instituições respectivamente.

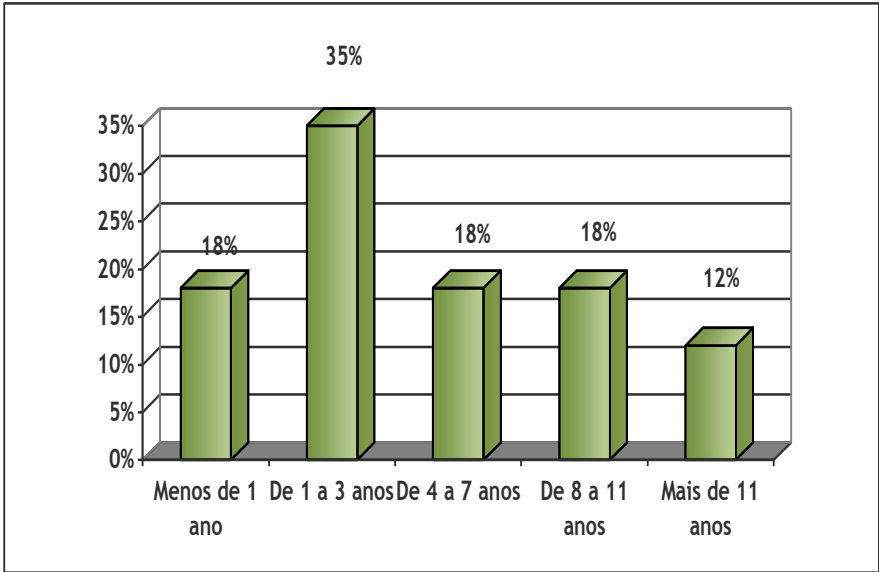


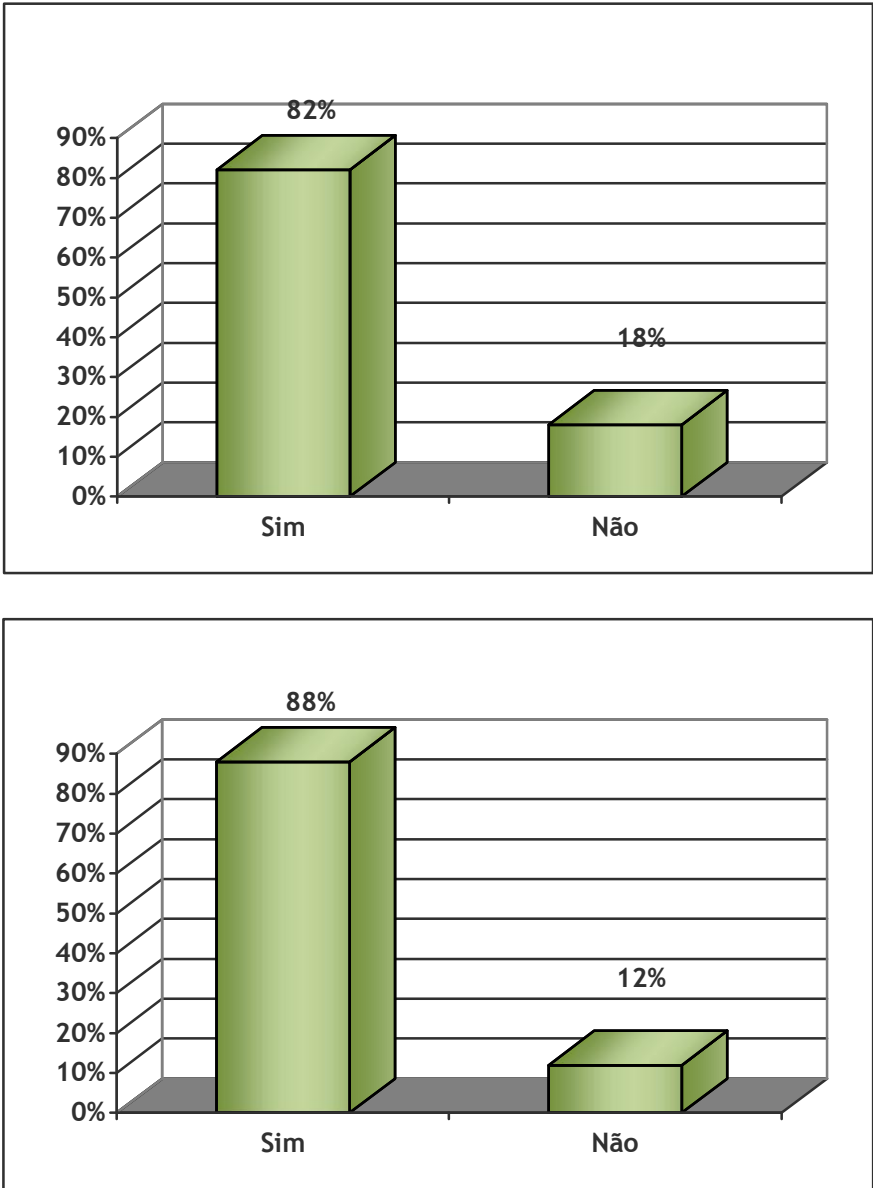
Figura 6. Tempo (em anos) de atuação profissional, enfermeiros assistenciais das unidades de emergência de Foz do Iguacu, 2008. (N=17)

Ao compararmos o tempo de trabalho dos entrevistados nas atuais instituições com o setor de urgência e emergência constata-se que a maioria entrou por outra porta e após trabalhar em outros setores é que fora encaminhado para o PA/PS, ocorrendo apenas um caso oposto a este, e nos casos dos atendentes do SAMU, funcionários concursados, igualam-se os tempos, vale ressaltar que este concurso apesar de ser específico para atuar no APH, foi exigido somente a graduação de enfermagem, e mesmo na prova aplicada, não havia questões específicas da área.

Não pretendo aqui desmerecer o atendimento destes profissionais, que com certeza dão o melhor de cada um para que o atendimento seja prestado com excelência e no conceito de humanização, nossa observação refere-se ao fato de que tanto

para o profissional, que estando mais bem qualificado, sentir-se-á amparado e atuará em cada situação com a carga de estresse, que já é característica no APH, diminuída, prestando, conseqüentemente um atendimento com maior resolutibilidade e menor dispêndio de tempo e energia própria.

Nas respostas referentes à educação continuada e avaliação da equipe sob sua responsabilidade, grande maioria afirma realizarem ambas (82,3% realizam educação continuada e 88,2% afirmam realizar a avaliação), seja individual ou coletiva, ou por iniciativa própria ou por norma institucional.



Figuras 7 e 8. Práticas educativas e avaliação aplicadas à equipe pelos enfermeiros assistenciais das unidades de emergência de Foz do Iguaçu, 2008. (N=17)

● **A vida profissional e os sentimentos do enfermeiro**

Neste aspecto verificamos que os sujeitos do estudo, em sua maioria, referem sentimentos de prazer pelo trabalho que exercem. Sendo poucos, cinco respondentes (35,2%), os que relatam sentimentos negativos como, estresse e ansiedade.

Ao analisarmos com maior profundidade estes dados observamos que estes sentimentos negativos são relatados pelos indivíduos que possuem maior tempo de atuação na área de urgência.

O estresse é considerado como sendo uma resposta adaptativa, mediada por características individuais ou processos psicológicos, sendo uma consequência a qualquer evento externo que identifica demandas físicas ou psicológicas em um indivíduo.⁸

É fato que o estresse pode vir a causar déficits de atenção que conseqüentemente culminam em erros, e quando se trata de atendimento de enfermagem, estes erros podem ser definitivos para a involução do

quadro clínico do cliente, evidenciado isto nos setores de urgência/emergência, onde cada ação é o linear.

● **A relação entre vida afetiva e trabalho**

Ao depararmos com o quadro que reflete as condições de saúde de cada indivíduo, observamos que 68% da amostra (11 respondentes) declaram não possuir problemas de saúde e apenas dois indivíduos (11,7%) referiram ficar afastados do trabalho nos últimos cinco anos, e mesmo estes afirmam não ter relação entre o afastamento e o trabalho exercido.

Quando relacionado o trabalho com a vida afetiva uma pequena maioria dos entrevistados, afirmou não ter problemas.

● **A vida profissional e o relacionamento familiar**

Apesar de a maioria dos entrevistados afirmar não ter problemas familiares relacionados ao trabalho, percebemos, pelos relatos dos Enfermeiros, de um indivíduo que já possuiu mais de um vínculo e atualmente encontra-se em apenas um, como a dupla jornada acaba interferindo na vida familiar,

mas a personagem principal acaba nem se dando conta disto, somente ao experimentar desligar-se de uma das jornadas consegue sentir a diferença proporcionada para dedicar-se à família e vida pessoal.

Tenho pouco tempo para a família (Enf.04).
Hoje afeta muito pouco por ter apenas um vínculo empregatício. As privações do convívio familiar diminuíram bastante, bem como o estresse e ansiedade levado ao seio familiar (Enf.08).

Em estudos sobre o tema, verifica-se que as longas jornadas de trabalho interferem significativamente sobre a qualidade de vida individual e familiar, expondo os indivíduos a que se propõem a estas desgastantes

jornadas, a riscos de desenvolverem problemas psicológicos, desencadeados pelo estresse gerado e pela falta de um canal de alívio.

● **Protocolos utilizados**

Os protocolos de enfermagem são essenciais para um assistência sistematizada, garantindo para o enfermeiro a exclusividade em determinados procedimentos, e padronizando os atendimentos em um setor ao mesmo tempo em que alicerça as ações do enfermeiro em embasamento científico para possíveis defesas processuais.

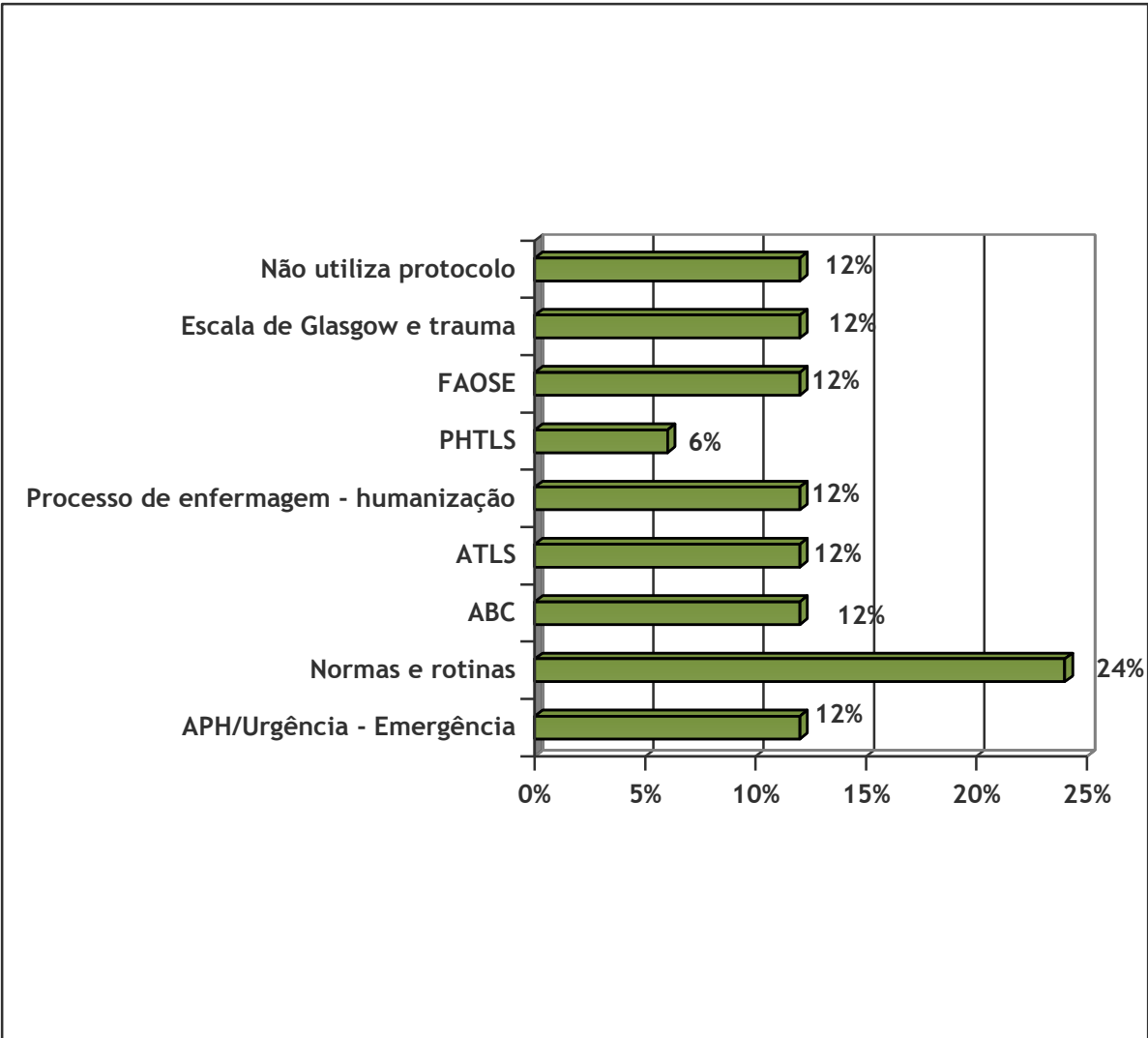


Figura 9. Demonstrativo dos protocolos utilizados pelos enfermeiros assistenciais das unidades de emergência de Foz do Iguaçu, 2008.

Ao analisarmos a figura sobre escrito observamos que os protocolos utilizados apresentam grande variabilidade, não obtendo padronização dos serviços de enfermagem, em um único setor, sendo o de maior prevalência - o mnemônico ABC (ABC: metodologia de atendimento em APH, onde A=Vias aéreas com controle cervical; B=Respiração; C=Circulação com controle de hemorragias), que apesar de ser padrão no atendimento em APH e PS, não é caracterizado como de exclusividade da enfermagem.⁹

Outros profissionais preferem fazer uma adaptação para o setor de outros protocolos

utilizados na sistematização de enfermagem para a assistência em geral.

A falta de padronização denota a falta de especialização dos profissionais do setor, culminando em um atendimento de acordo com a formação de cada enfermeiro, sabendo-se que na academia não é satisfatória para o setor e que as especializações destes indivíduos entrevistados, em sua maioria, não são para a área de urgência/emergência, e nem mesmo as instituições empregadoras exigem ou fornecem capacitação na área, o que caracteriza o déficit do setor no município.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo com enfermeiros dos serviços de urgência/emergência no município de Foz do Iguaçu, com o objetivo de verificar qual a capacitação e formação complementar dos mesmos, bem como conhecer as estratégias utilizadas por esses profissionais na busca de excelência ao atendimento ao paciente crítico, como também seus níveis de satisfação com o trabalho e condições de saúde destes, foram levantadas diversas opiniões em relação às atuações no setor.

A amostra analisada foi de dezessete indivíduos que atuam em pronto socorro e pronto atendimento de hospitais, e do APH do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência - SAMU, do município.

Na análise dos dados observamos que a maioria dos indivíduos, com idades e tempo de formação variável, é do sexo feminino, como em todos os setores da enfermagem, mas é notório, ao observarmos as instituições de saúde ou os cursos de graduação em enfermagem que esta diferença vem gradualmente diminuindo, deixando de ser vista como um “gueto” de mulheres, o que se torna positivo para todos, pois assim como a inserção das mulheres em profissões outrora de exclusividade dos homens, oportuniza uma nova visão a estes profissionais, na enfermagem a inserção masculina contribui para a falsa e negativa visão masculina sobre a mulher cuidadora e sobre a profissão como um todo, bem como a ótica da praticidade, característica masculina, pode contribuir para a evolução da enfermagem no cenário das profissões de saúde.

Em relação à vida afetiva a maioria dos entrevistados casados e com filhos, declarou não apresentar problemas, porém alguns relatos foram encontrados, principalmente naquele indivíduos que apresentam mais de um vínculo empregatício, aproximadamente 35%, bem como apenas dois indivíduos relataram possuir alguma doença, e destes nenhum percebe relação entre esta e o exercício profissional.

A maioria dos entrevistados são oriundos de um curso de enfermagem de instituição privada do município, os demais são de outras instituições de ensino superior. Mas não importando a instituição de origem, na condição de formando e pelo contato com acadêmicos de outras instituições, ficou evidenciado que durante a academia não há uma matéria específica que discorra sobre a assistência de enfermagem na urgência/emergência, seja intra hospitalar ou no APH, sendo somente dado atenção em no

maximo quatro horas/aula, se compararmos com o curso de socorristas realizado pelo CB, com carga horaria de 1.400 horas, torna-se compreensível as dificuldades do enfermeiro em atuar nesta área, principalmente em inicio de carreira.

Não estamos sugerindo aqui uma mudança radical nos atuais PPC's das instituições, mas seria interessante, tanto para os discentes, e muito mais para a sociedade propensa a depender destes novos profissionais, que fossem realizados, paralelamente com a graduação, grupos de estudos, projetos de extensão ou cursos específicos para o atendimento ao cliente em situações de risco iminente, o que com certeza prepararia melhor os novos enfermeiros e proporcionaria aos pacientes um atendimento digno, com excelência, resolubilidade e com menores taxas de morbi-mortalidade, que atualmente é uma das maiores causas destes índices, o que acaba por produzir graves danos aos pacientes e familiares, e grandes custos financeiros para a sociedade e governo.

Até mesmo quando se fala em formação complementar, os cursos de pós graduação, que foram citados pelos entrevistados são, em sua maioria nas áreas de administração hospitalar, entre outras, refletindo a tendência pela busca por maior remuneração, que normalmente são oferecidas após a realização de pós-graduação, sendo que mesmo os indivíduos que possuem mais de um curso de formação complementar, mesmo atuando na urgência/emergência não buscam por cursos de Suporte Avançado de Vida, quando muito possuem o curso de Suporte Básico à Vida, com a falta de procura a oferta também diminui, ou a reciproca é inversa. O fato é que a disponibilidade dos cursos com maior referencial e historicamente já inseridos na rede, encontram-se somente nos grandes centros o que torna-se um entrave para que os profissionais atuantes no município possam realizá-los.

A especialidade em urgência/emergência deveria ser requisito imposto pelas entidades empregadoras, que em troca poderiam oferecer maior remuneração incentivando a busca pela titulação.

Apesar de todo este quadro, o que reconforta é a sensação de prazer pelo trabalho referida pela grande maioria dos profissionais entrevistados, mas este sentimento não deve ser fator de acomodação para os prestadores do serviço, pois o que realmente importa é a pronta reabilitação do cliente e o prazer que este irá sentir ao sair de uma situação critica sem seqüelas que

possam ter sido causadas por um atendimento 'prazeroso', mas ineficaz.

Mais estudos poderão ser realizados na área, que abordem o nível de conhecimento destes profissionais, não para os subjugarem, mas para que instiguem a busca de aperfeiçoamento por parte destes, e a reformulação necessária por parte das instituições de ensino, ou até mesmo a implantação de programas de educação em serviço por parte dos empregadores, ou incentivo aos colaboradores para buscarem aperfeiçoamento, como já ocorre em outros setores, que possuem maior interesse econômico.

Com certeza, hoje o atual quadro encontra-se muito melhor do que outrora, mas ainda há muito que fazer para que possamos evoluir e acompanhar outras profissões e discutir igualmente com estas o melhor tratamento para o cliente. Precisamos acelerar esta evolução, ou estaremos sendo ultrapassados pelas outras profissões da área, e nos cabe, enquanto acadêmicos, docentes e profissionais, tal mudança, e o início deve ser na academia.

REFERENCIAS

1. Marques GQ, Leal SMC, Lima MADs, Bonilha ALL, Lopes MJM. As práticas e o cotidiano de profissionais em serviços públicos de saúde, na ótica de estudos acadêmicos. Online Brazilian Journal of Nursing [online]. 6(2); 2007. [Acesso em: 2008 Out 6] Disponível em: <http://www.uff.br/objnursing/index.php/nursing/article/viewArticle/j.1676-4285.2007.660/194>.
2. Brasil; Conselho Federal de Medicina. Resolução do CFM nº 1.529/98: dispõe sobre a normatização da atividade médica na área da urgência, emergência na sua fase pré hospitalar. [Acesso em: 2008 Out 29] Disponível em: http://dtr2001.saude.gov.br/samu/legislacao/leg_res1529.htm.
3. Santos EF, Santos EB, Santana GO, Assis MF, Meneses RO. Legislação em Enfermagem, Atos Normativos do Exercício e do Ensino de Enfermagem; São Paulo: Atheneu; 2002.
4. Carvalho MG de. Atendimento pré-hospitalar para enfermagem: suporte básico e avançado de vida. São Paulo: Itália; 2004.
5. Simões ALA, Rodrigues FR, Tavares DMS, Rodrigues LR. Humanização na saúde: enfoque na atenção primária; Texto & contexto enferm; [online]. 16(3)jul-set 2007. LILACS - Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde. [Acesso em: 2008 Out 10]. Disponível em: <http://bases.bireme.br/>.

6. Thomaz RR, Lima FV. Atuação do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar na cidade de São Paulo. Acta Paul Enfermagem [online] 2000;13(4):59-65. [Acesso em: 2008 Out 10]. Disponível em: <http://www.scielo.br/>.

7. Brasil. Resolução 196/96 Conselho Nacional de Saúde - Ministério da Saúde; [Acesso em: 2008 Set 16]. Disponível em: <http://www.pucminas.br/documentos/>

8. Martins LMM, Bronzatti JAG, Vieira CSCA, Parra SHB, Silva YB. Agentes estressores no trabalho e sugestões para amenizá-los: opiniões de enfermeiros de pós-graduação. Rev Esc Enfermagem USP [online]. 2000; 34(1):52-8. [Acesso em: 2008 Ago 26]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>.

9. Santos RR, Canetti MD, Junior CR, Alvarez FS. Manual de socorro de emergência. São Paulo: Atheneu; 1999.

Sources of funding: No
Conflict of interest: No
Date of first submission: 2009/02/09
Last received: 2009/06/10
Accepted: 2009/06/11
Publishing: 2009/07/01

Corresponding Address

Ewerton Douglas Wiebbelling
Rua Al Trindade, 31, JD San Rafael II,
CEP: 85854-540 – Foz do Iguaçu (PR), Brazil